

# **CONTATO LINGUÍSTICO DO TALIAN NO PORTUGUÊS EM SEGREDO DE PEDRA, DE IVO GASPARIN**

## **TALIAN LANGUAGE CONTACT IN PORTUGUESE IN SEGREDO DE PEDRA, BY IVO GASPARIN**

**Mauri da Cruz de Moraes  
Loremi Loregian-Penkal  
Edson Santos Silva  
UNICENTRO**

**Resumo:** O contato entre o Talian, língua de imigração italiana de base majoritária vêneta, e o Português Brasileiro (PB) falado especialmente no Sul do Brasil, se evidencia em aspectos lexicais, mas, sobretudo, em fenômenos de variação fonológica. Este artigo conjuga elementos de natureza social, histórica e linguística sobre o Contato Linguístico do Talian no Português na fala de personagens, descendentes de italianos, da obra *Segredo de Pedra*, de Ivo Gasparin. Trazemos também uma discussão a respeito do preconceito linguístico sofrido pelos falantes e que se reflete nas falas das personagens do romance analisado. A fundamentação teórica se pauta na Socio-linguística e em autores como: Preti (1994); Urbano (2000); Margotti (2004); Couto (2009); Lucchesi (2009); Bagno (2015), entre outros.

**Palavras-chave:** Contato Linguístico. Português/Talian. Preconceito Linguístico. *Segredo de Pedra*.

**Abstract:** *The contact between Talian, an Italian immigrant language with a major Venetian base, and Brazilian Portuguese (PB) spoken especially in southern Brazil, is evident in lexical aspects, but, above all, in phenomena of phonological variation. This article combines elements of a social, historical and linguistic nature about the Linguistic Contact of Talian in Portuguese in the speech of characters, descendants of Italians, from the work Segredo de Pedra, by Ivo Gasparin. We also bring a discussion about the linguistic prejudice suffered by the speakers and which is reflected in the speeches of the characters of the analyzed novel. The theoretical framework is based on Sociolinguistics and authors such as: Preti (1994); Urban (2000); Margotti (2004); Couto (2009); Lucchesi (2009); Bagno (2015), among others.*

**Keywords:** *Linguistic Contact. Portuguese/Talian. Linguistic prejudice. Segredo de Pedra.*

## INTRODUÇÃO

Línguas de imigração resultam do contato intenso e/ou extenso entre povos multilíngues e emergem como fruto efetivo dos confrontos, ajustes e consensos das situações que lhe deram origem. Na região Sul do Brasil constata-se vasta diversidade linguística e cultural e contribuem para isso vários fatores, entre os quais se destacam: (i) é região de fronteira com países de língua hispânica; (ii) foi terra disputada, originalmente, por portugueses e espanhóis, e os portugueses dela se apossaram definitivamente somente a partir do século XVII e XVIII; (iii) grandes levadas de imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães, falantes de línguas diferentes do Português, foram estabelecidas na região a partir do século XIX. Entre os grupos europeus em contato com o Português, o italiano assume uma posição de destaque.

O Talian, língua que nasce no Brasil e é oficializada em 2014, torna-se juntamente com as línguas indígenas, o Asurini do Trocará e o Guaraní Mbya, as primeiras línguas reconhecidas como Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, e pelo Ministério da Cultura, MinC. A partir dessa data, 19 de novembro de 2014, tais línguas passaram a fazer parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), conforme Decreto 7387/2010.

Na tentativa de fortalecer a Cultura Taliana, da qual a Língua Talian é o elemento principal, nos dedicamos ao estudo do Contato Linguístico presente na obra *Segredo de Pedra*, de Ivo Gasparin, e vamos analisar a interferência do Talian na fala em Português das personagens. Assim, entendemos que:

A Cultura Taliana abarca o modo de fazer, de ser, de se expressar típicos dos descendentes de italianos que moram no Brasil e de quem tem afinidade com essa comunidade e cultura. Trata-se de uma cultura que se formou aqui no Brasil, com o contato do português/hábitos brasileiros, e que não é igual à italiana, nem à vêneta. Esta cultura é inerente à língua, à culinária, à música, ao vestuário, ao teatro, à arquitetura, etc e denota a brasilidade da nossa cultura. Em suma, entendemos que a cultura dos nossos imigrantes é mais brasileira que italiana e o nome para esta cultura brasileira, carregada de identidade, trazida pelos nossos antepassados do norte da Itália e aqui formada, é a Cultura Taliana. (LOREGIAN-PENKAL e DAL CASTEL, 2021, no prelo).

Como bem apontado na citação acima, a Cultura Taliana contempla uma série de elementos fundamentais, que fazem parte das origens e da identidade linguística e cultural dos descendentes de italianos. Tais elementos estão retratados de forma exemplar em *Segredo de Pedra*, por isto a obra foi aqui selecionada para análise de algumas questões linguísticas.

O contexto da obra que será analisada abarca os anos de 1945 a 1970, ambientado em Flores da Cunha, com mais abrangência na comunidade de Linha Oitenta. Nessa obra, Ivo Gasparin faz uma leitura fiel ao período, buscando destacar também os impactos linguísticos dos descendentes de italianos, que deixam seu país por motivos de guerras, que foram proibidos de falar a sua

língua materna e tentavam se comunicar em Português. (GASPARIN, 2008).

Baseando-nos nos resultados obtidos por Margotti (2004) e Meneghel (2015), em comunidades formadas por ítalo-descendentes do Rio Grande do Sul, objetivamos também trazer à tona questões voltadas ao preconceito e ao respeito linguístico e quais contribuições eles trazem para o estudo de línguas minoritárias.

## **CONTATO LINGUÍSTICO, PRECONCEITO E ENSINO**

Para Lucchesi (2009), a compreensão da realidade sociolinguística brasileira atual e sua formação histórica constitui um campo de pesquisa que precisa ser devidamente explorado pelos sociolinguistas.

Nas situações de contato linguístico, ocorre a interação entre membros de uma comunidade linguística com membros de outra. Segundo Sankoff (2001, p. 640), “o contato linguístico é sempre um produto histórico de forças sociais”. Sob essa visão sócio-histórica do contato entre diferentes comunidades linguísticas, o autor afirma que:

Historicamente, os contatos linguísticos ocorrem, em grande parte, sob condições de desigualdade social resultantes de guerras, conquistas, colonização, escravidão, e migração – forçadas ou não. Contatos naturais envolvendo urbanização e comércio como motivações de contato também são, significativamente, documentados, inclusive situações de relativa igualdade (entre as comunidades linguísticas). (SANKOFF, 1980, apud SANKOFF 2001, p. 641).

De modo geral, duas questões sociais geram o contato linguístico: conquista e imigração. Nas palavras de Couto (2009, p. 49), “Basta pensar nas conquistas de um povo pelo outro, como no caso das Grandes Navegações, em que algumas línguas da Europa foram impostas aos quatro cantos da terra.” Nessas situações, geralmente, a comunidade linguística dominada sofre a imposição da língua do grupo político dominante. Assim sendo, é possível observar que a predominância ou a maior influência de uma língua sobre outra está diretamente relacionada ao poder político e econômico da comunidade linguística em questão. Segundo Croci (2011), a história do Brasil é caracterizada pelo contato de diversas culturas e, principalmente, pelo deslocamento de pessoas desde a colonização, tráfico de escravos, imigrações transoceânicas, entre outras.

Assim, até o início dos Novecentos, o Brasil foi essencialmente um país receptor de população; totalmente “ocupado” e, com suas fronteiras definidas, o seu crescimento gerou contradições tais que se tornou também um país de imigração. Inaugurando uma nova história, temporária ou definitivamente, os brasileiros – muitos deles descendentes dos imigrantes –, dirigem-se a países desenvolvidos, carentes de mão de obra, tais como o Canadá, os Estados Unidos, o Japão e os países da União Europeia. (ANDREAZZA e NADALIN, 2011, p. 71).

A história do Brasil é marcada pela chegada dos portugueses em 1500, esse período marca não só a colonização e instauração de uma nova cultura, mas sobretudo dá-se o início dos contatos linguísticos em solo brasileiro. Aqui, “conviveram, comunicaram e misturaram populações amerín-

dias, européias, africanas e asiáticas” (MELLO, at. al, 2011, p. 13). A língua, intitulada pelos mesmos autores como “língua-teto”, serviu de referência para a normatização no país. “A partir da mesma época, a família afro-asiática contribuiu com uma forte imigração sírio-libanesa, e a imigração japonesa serviu de base para o contato com outra família linguística, tradicionalmente considerada isolada” (MELLO et al. 2011, p. 14). Com o passar dos tempos, esse mesmo idioma se adequou às necessidades dos falantes de cada época, marcando presença na difusão dos idiomas de descendentes de famílias indo-europeias no século XIX e a formulação das línguas minoritárias.

Segundo Pagotto (1998):

No Brasil, o contato dos colonizadores portugueses com milhões de aloglotas, falantes de mais de mil línguas indígenas autóctones e de cerca de duzentas línguas que vieram na boca de cerca de quatro milhões de africanos trazidos para o país como escravos, é, sem sombra de dúvida, o principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português brasileiro. E processos como esses não devem ser levados em conta apenas para a compreensão das diferenças entre as variedades linguísticas nacionais. O próprio mapeamento das variedades linguísticas contemporâneas do português europeu e, sobretudo, do português brasileiro, tanto no plano diatópico quanto no plano diastrático, depende crucialmente de uma apurada compreensão do processo histórico de sua formação. (PAGOTTO, 1988, apud LUCCHESI, 2009, p. 41-42).

Couto (2009) também aponta outras formas de contato linguístico, promovidas na contemporaneidade. Segundo ele, a partir do final do século XX até os dias de hoje, tem-se uma nova fonte de interação entre falantes de diferentes línguas: a globalização. A “interligação do mundo” permite uma enorme troca cultural e uma grande proximidade entre os países. Nessa perspectiva, Couto (2009, p. 49) acredita que “o crescente processo de globalização que vivemos atualmente vem aumentando o contato de indivíduos e coletividades inteiras com outros povos e respectivas línguas”.

Casos semelhantes acontecem no Sul do Brasil, segundo Margotti (2004), em comunidades “italiano-português e, principalmente, alemão-português” (MARGOTTI, 2004, p. 99) em que se tem como referência a primeira língua, a dos pais, que é progressivamente substituída pela língua do país (o Português), especialmente quando a criança entra na escola, porque o ambiente de aprendizado tende a levar em conta “um tipo de política lingüística que leva em conta princípios de nacionalidade, territorialidade, filiação religiosa, origem étnica”. (MARGOTTI, 2004, p. 99)

Ainda de acordo com Margotti (2004), a influência de uma língua de contato pode, além de afetar o léxico e diferentes níveis da gramática, variar de intensidade segundo o lugar de residência ou de procedência, a idade, a classe social, o sexo dos membros da comunidade de fala, a mobilidade social, a ocupação.

De modo geral, as línguas de imigração ainda assumem um papel marginalizado nas sociedades brasileiras e, embora o plurilinguismo impere no país, pouca atenção é dada ao papel do contato entre as línguas de imigração e o Português (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011). Graças ao processo imigratório de várias partes do mundo, temos um acervo linguístico vivo e dinâmico,

em constante processo de variação e de mudança linguística.

Possenti (1996, p. 34-5) considera dois fatores a respeito da diversidade linguística, os internos e os externos. Um dos tipos de fatores que produzem diferença na fala das pessoas são externas à língua. Os principais são os geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão (...). Também há fatores internos que condicionam a variação. Ou seja, a variação é de alguma forma regrada por uma gramática interior da língua. Por isso não é preciso estudar uma língua para não “errar”. Em outras palavras “há erros” que ninguém comete, porque a língua não permite. (POSSENTI, 1996, p. 34-35).

Essa gramática interior a que se refere Possenti é um conjunto de regras internas que nos permite construir e entender frases que fazem sentido. O fato é que essas divergências geralmente têm um efeito negativo, ocasionando o preconceito linguístico, aquele gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma. De tal maneira, está associado às diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo.

Normalmente, esse pré-julgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária. Segundo Bagno (2015), o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo.

## **A LITERATURA DE IVO GASPARIN - *SEGREDO DE PEDRA***

As discussões acerca dos liames entre língua oral e escrita há tempos que parecem ter se acomodado numa certeza: uma não existe sem a outra. Nesse sentido, pode-se afirmar que a língua escrita, sem se alimentar da potência sempre revigoradora da língua oral, feneceria ou se tornaria um museu de quinquilharia. Guimarães Rosa e Clarice Lispector, à guisa de exemplo, mostram o quanto a língua do dia a dia, a regional, pode ser de grande importância para a escrita. Sempre há aqueles críticos empedernidos que se recusam a sair da sua torre de marfim e parecem apostar ainda hoje numa ideia de que a forma enseja suplantar o conteúdo, e se arvoram dialogar com uma vertente literária de antão, como o Parnasianismo, e, com um pouco de tolerância, o Simbolismo.

Ciosos de que o mundo colocado em caixinha nada produz e a tudo torna estéril, é de bom alvitre lembrar duas obras que trazem para o centro da liça a discussão em torno da qual língua oral e escrita se rejuvenescem sempre que se irmanam: *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico* do diálogo na literatura brasileira, de Dino Preti, e *Oralidade na Literatura* (o caso de Rubem Fonseca), de Hudinilson Urbano. Dino Preti, ao se valer dos pressupostos da Sociolinguística, evidenciará que os fatores socioculturais agem sobre a língua oral, influenciam as normas e os problemas de transcrição da fala, bem como explicitam como os principais prosadores de nossa literatura resolveram tal dilema, colocando em cena a representação escrita das variações linguísticas de suas personagens, nas diferentes épocas da prosa brasileira.

Hudinilson Urbano, por seu turno, e seguindo de perto a teoria de Dino Preti, se valerá de fundamentos teóricos da Linguística, da Análise da Conversação, da Sociolinguística, da Pragmática e da Teoria Literária para analisar como nos contos do escritor Rubem Fonseca se presentificam a narrativa oral e escrita, as variedades linguísticas, os dialetos socioculturais, as características gerais da língua falada e escrita. Nesse sentido, a obra, por meio da literatura, dando destaque aos narradores e às personagens dos contos, traz a lume a análise de problemas como a competência linguística, o desempenho linguístico e, por fim e talvez o mais importante, a oralidade e o repertório linguístico popular desses narradores e dessas personagens.

O romance *Segredo de Pedra*, de Ivo Gasparin, só pode ser apresentado se ladeado pela teoria de Dino Preti e de Hudinilson Urbano, posto que, de um lado, observa-se no romance uma forte preocupação com a Sociolinguística e, de outro, com o repertório linguístico popular.

Antes da apresentação da obra, é relevante explicar, de forma resumida, a respeito do autor. Ivo Gasparin é bacharel em Filosofia pela UNIJUÍ, pós-graduado em Letras pela UCS. Suas obras, *A maldição do padre* e *Segredo de pedra*, deixam patente sua paixão pela Cultura regional Taliana. Com efeito, nessas duas obras, o que chama a atenção do leitor é a forte presença do Talian, língua típica da região da serra gaúcha, e a sua língua materna. Ferrenho defensor do Talian, publicou, além das obras acima, *Ciàcole – Cento Stòrie* e *La prima semensa*. Participa de um programa radiofônico, cujo nome não poderia ser mais significativo de sua luta em prol da valorização da Cultura regional Taliana, já assinalada acima: “Parla Talian” (Fala em Talian). Por fim, possui uma série de composições musicais gravadas que tanto contemplam o Talian, quanto o Português regional. Como se observa a partir dos dados acerca do autor, toda a sua produção artística, e de modo especial a literária, está marcada, de um lado, pela Sociolinguística, e, de outro, pela valorização de um repertório linguístico popular, como se nota no romance *Segredo de pedra*.

As informações paratextuais da obra elencam uma série de indicações para que o leitor adentre com régua e compasso à fábula do romance. Dentre elas, merecem destaque: romance publicado em 2008, pela editora *Seculum*. A obra é fruto do projeto Memória Histórica e Cultural de Flores da Cunha, Lei Municipal n.º. 1929/97. Nos agradecimentos, o autor frisa a herança familiar, enfatizando que o pai e mãe dele são responsáveis pela paixão por suas origens, ou seja, do fato de ele ter sido criado dentro do ambiente da língua Talian. Há ainda um parecer do prefeito, Renato Cavagnoli, do qual cabem destacar os seguintes elementos: a obra tem como espaço narrativo o cotidiano de uma colônia, Flores da Cunha, na qual se fala o Talian; dessa forma, resgata a memória histórica desse espaço por meio de situações vividas pelas personagens. Ainda segundo o prefeito, por meio das personagens, os leitores oriundos da colônia terão a impressão de que são próximos das personagens, bem como dos fatos e também do espaço.

Como se pode constatar, o prefeito descortina dois conceitos fundamentais para a arte romanesca: a *mimesis* e a verossimilhança. Os paratextos contam também com a apresentação da obra, de autoria da professora Rita Dambros Gasparin. Para ela, a obra é cinematográfica e possui uma linguagem rápida, envolvente, objetiva, sem se descuidar da poeticidade. Em relação às personagens, nota-se a presença das ficcionais e das personagens históricas, que são elaboradas na clave da sim-

plicidade e da singeleza. O grande antagonista parece residir no “íntimo dos moradores desta ilha humana fictícia”<sup>4</sup>, sempre ladeados por uma prosa suave e repleta de recursos poéticos. O autor da obra tem a seu favor um profundo conhecimento do espaço romanesco, seja quando na narrativa aparece o toponímico Nova Pádua ou Nova Flores. O leitor será remetido, em alguns momentos, a configurações quase medievais; e o que se observa, ao fim e ao cabo, ainda segundo a docente, é uma narrativa que faz uma excursão envolvente ao passado da colônia de Flores da Cunha, e é nela que a questão entre língua oral e língua escrita se presentifica.

Feito o percurso anterior, no qual se explanou acerca do autor da obra, dos paratextos, cabe apresentar de forma sucinta como se dá a harmonia entre a pujança da língua oral, tornando mais poética, mais leve e mais sedutora a língua escrita. No primeiro capítulo do romance, o leitor é embalado por palavras como cinamono, bálsamo, êxtase, pela expressão “voo manso de dois pássaros”, e ainda encontra a citação de dois grandes poetas da literatura brasileira, Castro Alves e Menotti Del Picchia. Deste, o leitor, para seu regozijo, lê o seguinte excerto de uma de suas poesias: “O amor é como uma espada com dois gumes fatais: não amar é sofrer, amar é sofrer mais.” Observa-se a partir desses excertos um profundo labor com as palavras até chegar à ideia quase total de um universo tomado pelo poder encantatório delas, as palavras com sumo poético. Nesse universo encantatório, uma personagem aconselha a outra, Fredo, ante uma situação de perigo, e se valendo de uma linguagem absolutamente popular e regional, e tão potente quanto aquela dimensionada pelo poético: “Fredo, non me vai muito perto da roda que é pericoloso, e tu pode me cair, drento da água.” (GASPARIN, 2008, p. 15) Em seguida, com a entrada de um padre na narrativa, lê-se: “– Sia lodato Gesù Cristo!”<sup>1</sup> Ao que o interlocutor do padre responde: “– Sempre sia lodato, padre”<sup>2</sup> O Senhor hoze veio cedo.” Essa mescla de linguagem oral e escrita vai percorrer toda a narrativa. O autor assume diante dessa posição um papel político, ao colocar lado a lado uma linguagem com forte carga poética e, ao mesmo tempo, popular, ampliando a discussão ao abrir espaço para a riqueza da língua portuguesa, sempre que ela se abre de braços abertos e sem preconceitos para outras dimensões da língua, no caso do romance em questão, o Talian.

A grandeza de Ivo Gasparin com o romance *Segredo de Pedra*, que pavimenta a junção entre a língua oral e a escrita, é fazer desde o primeiro capítulo uma escolha feliz e ao mesmo tempo ousada e necessária, isto é, colocar como chave principal de seu romance a questão da utilização de recursos da oralidade na obra literária. E ele o faz com postura séria e com muita galhardia, para provar que a oralidade, quando trabalhada por um viés político em defesa das línguas minoritárias, tem muito a contribuir com a língua escrita.

## CONTATO DO TALIAN NO PORTUGUÊS EM *SEGREDO DE PEDRA*

Precipualemente, Ivo Gasparin, é bacharel em Filosofia e pós-graduado em Letras. Afeiçoado pela Cultura Taliana, é fundador e componente do grupo Ricordi. Compositor de mais de 60 músi-

1. Sia lodato Gesù Cristo! – Louvado seja Jesus Cristo!

2. Sempre sia lodato, padre – Sempre seja louvado, padre

cas que abordam variados aspectos da imigração italiana, do jeito de falar aos costumes e tradições. É apresentador do programa *Parla Talian*, da rádio Solaris, e colunista do *O Florense* desde 1986. É autor de romances, entre eles *Segredo de Pedra* e do Hino de Flores da Cunha.

Na obra *Segredo de Pedra*, observamos algumas ocorrências do contato Talian/Português na fala de algumas personagens. O contexto da obra, como já explicitado na seção anterior, é Flores da Cunha, Rio Grande do Sul (RS), com mais abrangência na comunidade de Linha Oitenta, nos anos de 1945 a 1970. Nessa obra, Gasparin faz uma leitura fiel das interferências linguísticas desse período, cujo país era governado pelo presidente Getúlio Vargas, que instituiu no Brasil o Decreto-Lei nº. 406, de 04 de Maio de 1938.

Com o objetivo de promover uma identidade nacional, o presidente Getúlio Vargas sancionou o Decreto-Lei, que dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Iniciou aí a Campanha de Nacionalização, que proibiu o uso de línguas estrangeiras, bem como proibiu manifestações culturais e a posse de materiais que lembrassem os países de origem dos imigrantes. (BUENO, CARAMEZ, BACKES E CASTRO, 2016).

Gasparin (2008) destaca esse impacto linguístico dos descendentes de italianos, que deixaram a Itália em busca de melhores condições de vida e aqui foram proibidos de falar a sua língua materna, a única que conheciam. Assim, em público foram forçados a se comunicar em Português e, muitos, emudeceram.

Luzzatto (2015) apresenta de forma latente a questão de se proibir a única língua que os imigrantes sabiam falar. De acordo com o pesquisador:

Seguiu-se um tempo em que as pessoas, especialmente as mais velhas que falavam apenas o talian, pediam coisas através de gestos, quando não tivessem junto alguém que soubesse se expressar em português. Incrível e ridículo, comerciava-se por mímica! (LUZZATTO, 2015, p. 181, grifo do autor).

Em *Segredo de Pedra*, observamos que esses fenômenos são mais recorrentes na fala de alguns personagens que tiveram maior contato com a língua vêneta, que chegaram ainda crianças ao Brasil e foram barrados pela imposição do governo Vargas. Para melhor compreensão da trama e da interferência Português/Talian separamos um pequeno prospecto dos personagens que terão suas falas listadas aqui, a título de exemplo deste processo.

Iniciamos com a personagem Celeste, esposa de Antônio (Toni) e mãe da professora Goréti. Ela e sua família moram na colônia e têm destaque pelas atividades agrícolas. Celeste, como a maioria das mulheres dessa cultura, se dedica aos cuidados da família e tenta transmitir para Goréti tudo o que sabe sobre a culinária e religiosidade italiana. Ao passo que as transformações vão ocorrendo, vê-se interpelada pela tecnologia da época, o rádio, instrumento esse que a faz ter contato com o falar brasileiro. Ademais, seu esposo Antônio, homem totalitário que tem pretensões de que a filha se case com Zelindo, de uma família próxima, também de imigrantes italianos, para que o negócio da família dê continuidade.

Outrossim, temos mais uma personagem que vive um triângulo amoroso, Rosina, esposa de

Calisto, que se deixa seduzir por Gentile. Se torna muito amiga de Goréti, com quem divide suas preocupações, aconselha a amiga em suas decisões e compartilham entre elas o maior segredo de todo o romance.

Ainda apresentando o contexto social e linguístico, consideramos importante relatarmos a transição das missas em Latim para o Português, situação essa que deixa os moradores de Flores da Cunha indignados. Fica então a cargo de Danio, o coroinha da igreja que sabia de cor todas as rezas em Latim, ajudar o Padre Isidoro no caso de sua ausência na capela. Assim, os fiéis teriam a quem recorrer em caso de dúvidas nas rezas e pregações.

Em relação aos fenômenos linguísticos presentes em *Segredo de Pedra*, destacamos os três que seguem:

1 - Substituição de sons fricativos: as consoantes alveopalatais desvozeadas, representadas na escrita por “x” e “ch”, são substituídas pelo som dental ou alveolar desvozeado, “ss”. As consoantes geminadas, diferentemente do que ocorre com o Italiano standard, não fazem parte do sistema linguístico do Talian, à exceção do ss, única consoante dupla que existe nessa língua. No Talian só há o som tch antes de e/i, exemplos ceo (tchéo); picinin (pichinin). Nos demais contextos, há somente o som de s ou ss. Essa interferência da pronúncia do Talian pode ser observada, entre outras, na fala das personagens: Celeste - “Maria Santíssima, padre, mal e mal fiz horra de fessar as zanelas. (p. 16) e do personagem Antônio: “vomo tomar uma caçacinha, padre? Celeste, me leva aqui aquela caçaça doce feita co’a uva.” (p. 19). Danilo - “Pode deissar - interveio Danilo com todo o orgulho de saber que era o único ali na capela que sabia responder aquelas coisas tão difíceis em latim - pode deissar, que eu e o Isidoro dormimos no mesmo quarto, e agora, todas as noite, antes de dormir eu insino pra ele” (p. 32). Esta interferência do Talian na fala em Português é bastante presente na oralidade, mesmo nos dias atuais, dos falantes bilíngues. Tal interferência é uma das marcas que não passa despercebida a um falante externo à comunidade de detentores do Talian e que, muitas vezes, é motivo de coionamento (chacota).

2 - Outro fenômeno explorado em *Segredo de Pedra* é em relação à alveopalatal vozeada, representada na escrita por “j” ou por “g” (com som de j) que é substituída pela dental ou alveolar vozeada “z”. No Talian não existe o som /j/. Logo, trata-se de mais um fenômeno recorrente na fala desses descendentes, por isso ao tentarem falar jarro dizem zaro, joelho = zoelho, junto = zunto e assim por diante. Alguns exemplos do livro: “Lovado seza nosso Senhor Zesus Cristo!” (p. 20) e Rosina: “Dio, como ele é intelizente” - pensava Rosina - “altro que Calisto sí!” (p. 83). Celeste: “Tóni, a zanta zá ta pronta - disse Celeste - e se me don licença, vou preparar a mesa. (p. 21). Nota-se aqui um uso de um som inexistente na língua materna do falante. Assim, a opção que ele encontra é utilizar-se de um som próximo que existe na sua língua e ele faz, então, essa substituição sonora. Contudo, tal uso não passa despercebido de um falante que não tenha as mesmas interferências linguísticas ou até mesmo de falantes que saem das comunidades/colônias talianas para estudar e retornam tempos depois. Ou seja, trata-se de mais um fenômenos linguístico, motivado pelo contato entre o Talian e o Português,

que causa muita incompreensão, fruto de preconceitos e de falta de respeito linguístico em relação à fala do outro.

Em relação aos falantes bilíngües, em seus estudos acerca das variedades do Talian faladas no RS, Frosi destaca que

Hoje se observa que /ʃ/ e /ʒ/, na fala de muitos bilíngües, evoluem para uma fricativa pré-palatal, surda e sonora, respectivamente; outros ainda manifestam regularmente a interferência, realizando /ʃ/ e /ʒ/ conforme a “aproximada” em português seja surda ou sonora e, enfim, outros aprenderam a usar as “aproximadas” segundo os traços peculiares à fala dos monolíngües (FROSI, 1987b).

Segundo Frosi e Mioranza (1983), a consoante fricativa palatal sonora [ʒ], está bastante presente em palavras que têm correspondentes em português, iniciadas por esses mesmos segmento, como *janela, jaca, junto, geada*, entre outros. Assim, tal recorrência sonora no português acarreta frequentes substituições desses sons por /z/, conforme apontado nos exemplos acima, em que *junta* vira [ˈzanta] por interferência do Talian.

3. Uso do tepe em contexto de vibrante múltipla, levando à produção de ‘caro’ quando o esperado seria ‘carro’. Spessato (2011) constatou que, na oralidade dos descendentes de imigrantes italianos, este é um dos fenômenos mais marcantes. Gasparin (2008), por sua vez, explora com maestria esta característica na fala de suas personagens, como ocorre nos excertos abaixo:

*Professora, eu levei um garafon de vinbo pra fazer o vin coto<sup>3</sup>.”* (p. 44).

*Ele que sempre me chama de buro, porque eu non consigo aprender os problemas de matemática* (p. 33).

*Vai ver quando que o Antônio vai ficar sabendo, se ele não vai dar um coridon nele* (p. 50).

Fenômeno contrário, no entanto, também ocorre, com o uso da vibrante múltipla em contexto de tepe, como um fenômeno de hipercorreção:

*Uma maravilha, padre, uma maravilha! Ma a zente squási só escuta a missa nos domingo. Otro dia m’inventei de acender ele enquanto fazia a zanta, ma só pra ver, padre, que esporcaria que me veio fora. Era uma mulher que sorrava por causa de que o marido dela tinha deissado e la e se zuntado com outra, e ainda por cima ele me deissou ela com três filbo pequeno.* (p. 17).

*No’ interessa que son macaco.* (p. 45)

*O pai do Artêmio levou até bombinhas pra estorrrar quando que acende a fogueird!* (p. 45).

Dessa forma, as interferências, especialmente fonéticas, do Talian no Português fazem com que os falantes tenham vergonha de seu jeito de falar. Isto porque, por falarem uma língua em que são *coionados* (ridicularizados), sofrem preconceito linguístico, especialmente quando saem de suas comunidades para irem aos centro urbanos. O preconceito linguístico leva ao silenciamento, apon-

---

3. Vin coto - quentão

tado acima por Luzzatto, e se dá de forma dupla: ao falarem Talian fora de suas comunidades/colônias e ao falarem Português com sotaque. Dessa forma, a língua de imigração vai perdendo espaço e deixando de ser falada pelas novas gerações. Junto com ela, porém, se perde toda uma cultura, uma identidade e um patrimônio imaterial próprios desses descendentes de imigrantes italianos.

Os excertos acima, extraídos do romance de Gasparin, evidenciam de um lado a incorporação de características (sonoras e lexicais, majoritariamente) do Talian no Português, marca da fala de quase todas as personagens de *Segredo de Pedra*; de outro, traz nas entrelinhas a valorização do falar Talian, apesar do *coionamento* que somente quem vivenciou<sup>4</sup> sabe o quão dolorido é.

Se fosse possível demarcar esse *consórcio* entre a fala e a escrita, nos valeríamos da metáfora do espelho, que, segundo Lispector (1998), pode ser visto como símbolo do saber, do autoconhecimento, da verdade e da clareza. Sua característica de possibilitar o reflexo do mundo visível parece explicar suas diferentes significações para os homens. Espelho entendido como espaço transparente, mas que por meio da linguagem ou das linguagens faz com que as personagens de Gasparin percebam os mistérios das coisas, que se encontram na natureza, na vida e no “ser”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacamos, o Talian é uma língua que nasce no Brasil, fruto da necessidade de comunicação entre os imigrantes italianos que aqui chegaram no final do século XIX. Como essas pessoas eram majoritariamente da região do Vêneto, é natural que o Talian seja uma língua de base majoritária vêneta. Quando chegaram ao Brasil, encontraram em algumas localidades Lombados, Friulanos, Trentinos e os falares desses imigrantes que não eram vênets também influenciaram na formação do Talian. É da junção dessas línguas faladas no norte da Itália, do PB e de outras línguas que aqui estavam que nasce o Talian, língua predominantemente oral. Sendo assim, é o contato do PB que diferencia, em grande parte, o Talian do Vêneto.

Como soa acontecer com toda língua natural, viva, o Talian apresenta variações que podem se transformar em mudanças linguísticas ao longo do tempo. Por isso é normal perceber diferenças no Talian falado, por exemplo, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, no Espírito Santo, assim como em outras localidades. Conforme apontamos, o Talian foi incluído no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) e reconhecido como Língua de Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelo Ministério da Cultura (MinC) em 10/11/2014.

Por fim, o fato de o sistema fonológico do Talian não apresentar as variantes tratadas neste artigo faz com que os descendentes de imigrantes italianos as produzam com caráter identitário e de interferência de sua língua na fala em Português, como resultado de uma situação de contato. O que se nota é que a questão se situa na parte de percepção e vai até a parte de articulação. Isso se dá porque, segundo Margotti (2004) ao tratar do ditongo nasalizado, o interlocutor que, por

---

4. *Coionamento* ocorrido com o próprio Gasparin e com tantos outros descendentes de imigrantes, inclusive com um dos autores deste trabalho.

exemplo, tem como língua materna o Talian, nunca ouve em seu sistema de sons o som nasal. Em razão disso, tem dificuldades de distinguir os sons na língua portuguesa. A mesma situação é descrita por Pretti (1994), ao afirmar que o falante ao ouvir uma pronúncia de um idioma estrangeiro, tenta produzi-lo de acordo com os sons típicos de seu vocabulário, sendo assim, não exerce com a mesma “força” e nem utiliza os mesmos mecanismos linguísticos do seu aparelho fonador para realizá-los.

Durante o Estado Novo, a Campanha de Nacionalização proibiu os imigrantes e seus descendentes de se manifestarem em público nas suas línguas de origem. Apesar das dificuldades de adaptação à nova terra, os pioneiros italianos passaram a integrar a diversidade cultural do País. “Derrubaram a mata, construíram cidades, aprenderam Português, tornaram-se brasileiros” (MARGOTII, 2004, p. 254). Ivo Gasparin se vale desse passado para sedimentar o uso da Língua Talian na constituição das personagens. Seus romances deixam, portanto, um recado: não é por decreto que se constitui uma língua, seja ela minoritária ou majoritária, o que equivale a dizer que ninguém usa uma língua com gramática na mão.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V. O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português. In FÓRUM INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, 1., Porto Alegre, 2007. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2008b. P. 25-40.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/ Secretaria da Cultura/Ciência e Tecnologia, 1976.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*. 49 ed. Loyola: São Paulo, 2015 .

BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.) *Análise contrastiva de duas variedades do Português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2020/02/Documento\\_Colegiado-Setorial-da-Diversidade-Lingu%C3%ADstica-do-RS\\_2018-1.pdf](https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2020/02/Documento_Colegiado-Setorial-da-Diversidade-Lingu%C3%ADstica-do-RS_2018-1.pdf). Acesso em: 27 de nov. 2020.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GASPARIN, I. *Segredo de Pedra*. Flores Cunha: Coleção Talentos, 2008.

HORA, D. da; WETZELS, Leo. Variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, pp. 147-188. 1ª parte 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 78.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., RIBEIRO, I., (Orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 41-73. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books.

LUZZATTO, D. L. *Lampejos de Memória*. Lampi de Memòria. Porto Alegre: Araucária, 2015.

\_\_\_\_\_. A nossa língua. In: MAESTRI, M. et al. *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p.168-172.

MARGOTTI, F. *Difusão Sócio-Geográfica do Português em Contato com Italiano no Sul do Brasil*. Tese Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86624/207618.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 de dez. 2020.

MENEGHEL, S. *O Ditongo Nasal Tônico –ÃO Falado por Ítalodescendentes de Santa Maria do Engano/Es: Uma Análise Sociolinguística*. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/3792>. Acesso em: 03 dez. 2020.

PAGOTTO, E. G. *Norma e Condescendência; Ciência e Pureza*. Língua e Instrumentos Linguísticos. Campinas, Pontes Editores/HIL, 49-68, 1998.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: EDUSP, 1994.

SANKOFF, G. Linguistic Outcomes of Language Contact. In: Peter Trudgill, J. Chambers & N. Schilling-Estes, Eds., *Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 2001, pp. 638-668.

SILVA, T. C. Fonética e Fonologia do Português, São Paulo: Contexto, 6ª ed 2002. p. 37-38.

URBANO, H. *Oralidade na Literatura* (o caso Rubem Fonseca). São Paulo: Cortez, 2000.

**Mauri da Cruz de Morais**

---

Graduado em Letras Português e Inglês pela Faculdades Integradas do Vale do Ivaí – UNIVALE. Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO. Email: maurimorais30@gmail.com

## **Loremi Loregian-Penkal**

---

Doutora em Letras pela UFPR. Concluiu estágio de pós-doutorado em Sociolinguística na UFPR, com bolsa de Pós-Doutorado Sênior do CNPq (2012) e em 2019/2020 realizou estágio de pós-doutorado na UFSC, na área de Contato Linguístico, ênfase no Talian/Português. Professora Associada na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Detentora do Talian, é membro efetivo do Comitê Nacional de Gestão da Língua Talian e da Associação dos Difusores do Talian, ASSODI-TA. E-mail: llpenkal@unicentro.br

## **Edson Santos Silva**

---

Professor Associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, Paraná, campus Irati, onde atua na graduação do curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Possui Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)

*Recebido em 10/02/2021.*

*Aceito em 10/03/2021.*